

O processo de pesquisa é fascinante e desafiador

Rita Maria de Souza Couto

Doutora e mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora do Departamento de Artes e Design e do Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio. Líder de grupo de pesquisa Pedagogia do Design. Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Design/Educação - PUC-Rio. Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq e consultora ad hoc da Capes, Inep, MEC, CNPq e Faperj. Desenvolve pesquisas nas áreas de ensino superior de design; epistemologia do design; métodos e técnicas de ensino; currículo; design de interface; design da informação; design para pessoas portadoras de necessidades especiais; pedagogia do design; interdisciplinaridade; design de material didático.

Ângulo particular de reflexão + pluralidade de visões

O ano de 1994 demarcou o surgimento do primeiro curso de mestrado em Design no Brasil, no Departamento de Artes & Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Ele deu início à consolidação da pesquisa em design em nosso país e impôs um verdadeiro desafio a professores e alunos, que, por conta do ineditismo da proposta na área, não tinham no que se espelhar para construir um caminho para a formação pós-graduada *strictu sensu* em design no país.

Esse primeiro curso de mestrado em design foi inserido em um sistema nacional de pós-graduação *strictu sensu* que fora criado no Brasil em 1987. Antes disso, nesse sistema, áreas de conhecimento correlatas e afins ao design já trilhavam um caminho no sentido de implantar seus cursos de pós-graduação. Eles serviram de fonte de inspiração, de modelo, de guia. A essa base de apoio soma-se a diversidade de experiências vivida por designers brasileiros que já haviam buscado formação pós-graduada em áreas de conhecimento diversas do design em programas de pós-graduação consolidados.

Dado esse quadro, à primeira vista, poderia parecer natural simplesmente transpor

para o design a experiência de outras áreas de conhecimento, pois não se tratava de ignorar a bagagem acumulada no caminho trilhado por nossos pares, que já pertenciam ao sistema nacional de pós-graduação *stricto sensu*. Também não era preciso reinventar a roda, mas fazê-la nossa. Afinal, não é sensato em termos de experiência, a cada movimento em relação ao novo, “jogarmos fora a criança com a água do banho”.

Em nosso país, os projetos pedagógicos que foram sendo desenhados para os cursos de mestrado e mais tarde doutorado em design buscaram um ângulo particular de reflexão, marcado por uma pluralidade de visões e apontando para uma clara valorização de saberes de outras áreas.

De um modo geral, essa tem sido a atitude de estudo e pesquisa que estamos construindo e edificando, e muitos são os exemplos e ensinamentos que podem ser tirados desse jogo entre ângulo particular de reflexão e valorização de saberes de outras áreas. Por hora, trazemos um deles que interessa diretamente ao propósito deste artigo. Trata-se do recurso didático que foi criado e vem sendo aperfeiçoado na primeira disciplina de metodologia¹ que alunos de mestrado cursam ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Design da PUC-Rio. Ela é intitulada como Procedimentos Metodológicos de Pesquisa em Design/Mestrado.

Sendo uma disciplina de base e obrigatória, todos os que ingressam matriculam-se nela no primeiro semestre de curso. Entram cerca de 20 mestrandos por ano, que são geralmente divididos em duas turmas distintas, mas em alguns semestres já tivemos o oferecimento de apenas uma turma para o total de alunos.

O modelo didático da disciplina prevê a presença de dois a três professores em cada turma simultaneamente. Em dois momentos durante o semestre, os orientadores comparecem a sessões de apresentação de seus orientandos, ocasião em que se cria um espaço para trocas e sugestões por parte dos professores da disciplina e dos orientadores.

A ementa da disciplina Procedimentos Metodológicos de Pesquisa em Design/Mestrado apresenta o seguinte texto: Introdução à metodologia da pesquisa no universo das disciplinas humanas: princípios e métodos de pesquisa acadêmica; formulação de problemas metodológicos e desenvolvimento do projeto de pesquisa.

Os conteúdos da ementa da disciplina têm desdobramento em um plano didático

¹ Disciplina ART 2003 Procedimentos Metodológicos de Pesquisa em Design/Mestrado, três créditos.

que inclui aulas e seminários ministrados por professores e alunos. Por meio de aulas expositivas, leituras e discussões em sala de aula, objetiva-se construir com os alunos noções básicas sobre a contextualização do pensamento científico e dos métodos e técnicas de investigação utilizadas na pesquisa acadêmica e mais especificamente na pesquisa em design.

Paralelamente, em seminários realizados ao longo do semestre, o aluno tem a oportunidade de reformular e aperfeiçoar a proposta de pesquisa que foi submetida quando do ingresso dele no curso. Para a realização desse trabalho, utilizam-se, dentre outros recursos, exercícios de ampliação de sumários da dissertação, que serão detalhados mais a frente.

As propostas reformuladas são apresentadas oralmente e entregues em versão impressa, constituindo-se no trabalho de final de semestre. Todos os professores envolvidos com a turma realizam a avaliação dos trabalhos apresentados, emitindo comentários, oferecendo sugestões e realizando observações que se façam pertinentes e emitindo conceitos de zero a dez.

As duplas de professores da disciplina Procedimentos Metodológicos de Pesquisa em Design continuam no semestre seguinte com os mesmos alunos, na segunda disciplina obrigatória do curso, Seminário de Desenvolvimento de Dissertação². Nessa, são retomados conteúdos de metodologia científica, visando o aperfeiçoamento dos aspectos metodológicos de cada trabalho, culminando na apresentação de um sumário expandido, que será mostrado em detalhes mais a frente, e de um capítulo da dissertação em versão completa.

O processo de pesquisa é fascinante e desafiador

Uma vez apresentadas as informações básicas sobre a disciplina, passamos agora à segunda parte do presente artigo que é dedicada a alunos de pós-graduação de uma maneira geral e que inspira o seu nome. Assim, partimos do pressuposto de que o processo de pesquisa é um caminho fascinante e desafiador.

Não tendo a pretensão de trazer mais um escrito sobre metodologia, métodos,

² Ementário completo do curso de Mestrado em Design da PUC-Rio pode ser acessado em: <http://www.dad.puc-rio.br/dad07/arquivos_downloads/EMENTÁRIO%20DOS%20CURSOS%20DE%20MESTRADO%20E%20DOUTORADO%20EM%20DESIGN.pdf>.

instrumentos, técnicas e quejandos, dedicamos esse artigo a apresentar orientações que estão para além das escolhas metodológicas.

As orientações em questão são dicas e conselhos que, se observados, ajudarão o aluno a não incorrer em pequenos erros. Esses, muitas vezes, comprometem a estruturação do sumário do trabalho, a definição de problemas e objetivos, a escolha do percurso metodológico, a composição do diálogo ente autores escolhidos para fundamentar as dissertações e até mesmo a redação do relatório de pesquisa, seja uma dissertação ou uma tese.

Muitas dessas dicas são tão óbvias que o leitor poderá ser tentado a se perguntar por que escrever sobre elas. Contudo, podemos garantir que é precisamente no trato com o que é óbvio que muitas vezes cometemos nossos maiores equívocos.

Coisas que se dizem antes

Um **processo de pesquisa** é um percurso de descobertas. Ele pode ser comparado a um conjunto de fios dispostos paralelamente no tear, por entre os quais inter cruzam outros fios para formar uma trama.

O **desafio** para o pesquisador reside na construção de uma urdidura sobre a qual ele não tinha prévia clareza ou certeza. Seu **fascínio** reside precisamente na constatação de que pouco a pouco, através de fios cuidadosamente escolhidos e bem tramados, sua pesquisa vai tomando forma, resultando em um trançado consistente, coerente e confiável. Como veremos mais a frente, o último sumário reflete esse trançado.

O encantamento maior do pesquisador com o resultado dessa urdidura reside na descoberta de que essa trama foi composta por cruzamentos, encontros e escolhas que deixam à mostra sua habilidade, capacidade investigativa, sensibilidade, erros e acertos.

Fruto de uma trama viva e em permanente construção durante todo o desenvolvimento da pesquisa, o resultado de um processo de pesquisa pode ser comparado ao resultado de um processo de projeto de um objeto no campo do design. Como sabiamente nos ensinou José Luiz Ripper³ nos idos dos anos 1980, no contínuo de um processo de projeto, o objeto configurado representa apenas uma parada nesse processo, podendo ser retomado a qualquer momento, suscitando

³ Professor doutor José Luiz Mendes Ripper, um dos pioneiros do design social em nosso país. Ele é professor emérito do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio.

novas configurações, usos e entendimento. Por aproximação, podemos dizer que uma dissertação ou uma tese, que é fruto de um processo de pesquisa, pode ser considerada sob essa mesma perspectiva. Sempre será possível desdobrá-la, observá-la sob outro ângulo e retomá-la a qualquer tempo.

Para começar um processo de pesquisa, é preciso antes de tudo quebrar o estado de intimidação frente à aparente dificuldade da tarefa. Para tudo, por certo, existe uma primeira vez. Com muita propriedade, Booth *et al* (2000) lembram que até mesmo pesquisadores experientes sentem-se um pouco ansiosos ao iniciarem uma nova pesquisa. Assim sendo, seja qual for a preocupação inicial, é preciso lembrar que não estamos sozinhos, que não somos os primeiros, os únicos ou os últimos a sofrer do mal da intimidação.

Como lembram os autores acima citados, podemos dizer que talvez a única diferença é que pesquisadores experientes sabem o que encontrarão pela frente: trabalho árduo, mas também o prazer da investigação e da descoberta, eventual frustração compensada por uma satisfação ainda maior, momentos de indecisão, mas a confiança de que tudo irá se encaixar no final (BOOTH *et al*, 2000).

Mas, como desenhar um processo de pesquisa com segurança?

Couto e Macedo Soares (2004) apresentam uma série de perguntas que podem nos ajudar a refletir sobre essa questão: 1) Pode-se aperfeiçoar o que não se pode controlar? 2) Pode-se controlar o que não se pode planejar? 3) Pode-se planejar o que não se pode definir?

A primeira pergunta leva-nos a pensar na segurança em relação ao tema de pesquisa. A segunda suscita a ideia de familiaridade, conhecimento de causa, desenvoltura, organização e planejamento para projetar o percurso e alcançar resultados possíveis. Por fim, a terceira pergunta nos convida a ter pleno conhecimento da essência, da natureza, dos componentes e das partes que compõem a pesquisa.

Ato contínuo ou trocando em miúdos o que acima foi estatuído, podemos dizer que:

1) Um processo de pesquisa se inicia com um plano, com uma proposta, que no fundo é uma aposta. Quanto mais estejamos cientes dos requisitos dessa aposta, mais segurança nós teremos para conduzi-la. De sã consciência, ninguém aposta

no escuro. De sã consciência, ninguém aposta em uma pesquisa que não acredita ser capaz de realizar. Reside aqui a chave para adquirir segurança em relação ao tema, ao problema e à justificativa da sua relevância e escolha.

Quando perguntam se é possível aperfeiçoar o que não se pode controlar, Couto e Macedo Soares (2004) chamam a atenção para o fato de que em qualquer tipo de processo, é preciso ter clareza de sua natureza, com vistas a poder conhecê-lo nos detalhes, nas minúcias. O que eles chamam de controle, pode ser lido no contexto da presente discussão como conhecimento.

Por parte do pesquisador, o conhecimento de um tema, de sua extensão e de seus possíveis recortes possibilitará a delimitação do problema e do objeto de pesquisa. Tema não é apenas o assunto que se deseja desenvolver.

A delimitação de um tema requer a observação da realidade de maneira cuidadosa e persistente para poder descrever o campo de observação como um todo. É preciso delimitar a pesquisa depois de minimamente especular sobre a magnitude do campo a ser observado.

O problema de pesquisa deve ser delimitado a uma dimensão viável, sendo o objeto de pesquisa um resultado da delimitação do tema e de um afinamento do problema de pesquisa.

A formulação de um problema deve ser feita de uma maneira explícita, clara, compreensível e operacional.

Segundo autores do campo da metodologia científica, a adequada formulação de um problema de pesquisa não é a mais fácil das tarefas. O afinamento acima mencionado começa sempre por uma pergunta formulada de maneira provisória, a que Gil (1987) chama de pergunta de partida. Ela poderá mudar de perspectiva ao longo do processo de pesquisa, pois ele é um processo dinâmico, de crescimento. É uma urdidura viva.

2) A familiaridade em relação ao objeto e ao problema de pesquisa, ou seja, o conhecimento de causa que permite traçar objetivos e hipóteses leva o pesquisador a ter desenvoltura para construir seu percurso metodológico.

Na pergunta enunciada por Couto e Macedo Soares (2004), sobre a possibilidade de controlar o que não se pode planejar, encontra-se embutida a ideia de organização, do planejamento do percurso e dos possíveis resultados da pesquisa.

Nesse momento, o desenho da pesquisa começa a ser esboçado, planejado. Rascunhos dos mais diversos matizes precisam ser realizados, sendo esse investimento uma condição *sine qua non* para a construção segura do percurso metodológico a ser empreendido.

O terreno da pesquisa, guardadas as devidas proporções, ainda é de aposta, mas nesse momento, uma aposta mais informada que no momento zero.

3) A essência, a natureza, os componentes e as partes que compõem a pesquisa, após o laborioso exercício de idas e vindas, questionamento e reconstrução, empreendido nos dois passos iniciais, possibilitam enxergar a trama que está compondo o tecido da pesquisa, mesmo que ainda de forma incompleta. Cruzamentos e encontros começam a ocupar seus espaços na urdidura, apontando o perfil da fundamentação teórica.

Nesse momento, a questão sobre a possibilidade de planejar o que não se pode definir nos conduz a observar a consistência das decisões tomadas nos passos anteriores. Somente a clareza das definições realizadas pode assegurar a escolha de um percurso metodológico adequado, que inclui definição de abordagem, tipos de pesquisa, métodos, técnicas, referencial de análise, entre outros componentes.

Ampliação de sumário: um exercício simples

O primeiro sumário é uma primeira verbalização do que o pesquisador pretende desenvolver. Os sumários seguintes serão verbalizações aperfeiçoadas a que se chega depois de adquirir uma melhor visão daquilo que pode e deve ser feito.

Trabalhando as atividades acima relacionadas, apresenta-se o exercício de ampliação de sumário. Desconcertantemente simples, mas de eficácia inquestionável, esse exercício pode ser realizado desde as primeiras versões do documento de proposta de pesquisa até a definição, mesmo que provisória, de um sumário base a ser seguido. A experiência tem mostrado que, quanto mais exercícios de ampliação de sumário são feitos, mais consciência o aluno adquire das escolhas e dos passos de pesquisa.

Esse exercício se desenvolve em vários estágios, sendo que um mesmo estágio pode ser repetido quantas vezes forem necessárias, podendo haver inclusive volta a níveis anteriores.

O primeiro estágio de desdobramento do sumário consiste da apresentação dos

capítulos que comporão o trabalho e de uma breve descrição das linhas mestras de seu conteúdo. Trabalha-se com a seção primária, que é a principal divisão do texto de um documento e uma referência ao conteúdo que comporá cada seção, como ilustrado no exemplo abaixo⁴. Atentamos para o fato de que capítulos e subcapítulos são caminhos possíveis, prontos para serem redesenhados.

Exemplo de desdobramento de dois capítulos, imaginados para desenvolvimento de uma tese sobre “Design e interdisciplinaridade”⁵:

Capítulo 1

1 CONTEÚDO SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE

Problemática da questão interdisciplinar a partir de autores que se dedicam a trabalhar esse tema e vêm discutindo a questão da fragmentação do conhecimento ao longo da história.

Capítulo 2

2 DESIGN, UNIVERSIDADE E PÓS-GRADUAÇÃO

Design como área de conhecimento e sua vocação interdisciplinar. A universidade e a fragmentação do conhecimento. A pós-graduação brasileira e sua feição interdisciplinar.

O segundo estágio de desdobramento do sumário encontra-se bem próximo do primeiro. Contempla, além da seção primária do texto, a secundária. Nele o autor revê e amplia a descrição dos conteúdos dos capítulos e subcapítulos. Em nenhum há a necessidade de se ter os nomes dos capítulos e subcapítulos em forma definitiva.

Capítulo 1

1 CONTEÚDO SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE

Problemática da questão interdisciplinar a partir de autores que se dedicam a trabalhar esse tema e vêm discutindo a questão da fragmentação do conhecimento

⁴ A Norma NBR 6024:2003 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) estabelece as seções/capítulos e subdivisões/subcapítulos de um trabalho, a fim de expor, com clareza, a sequência e a importância do tema e permitir a rápida localização de cada parte. Seção é uma parte em que se divide o texto de um documento que contém as matérias consideradas afins na exposição ordenada do assunto.

⁵ Conteúdo inspirado na nossa tese de doutorado em Educação: “Movimento interdisciplinar de designers brasileiros em busca de educação avançada”, defendida em 2007, na PUC-Rio.

ao longo da história.

1.1 Conceitos de interdisciplinaridade

Esse subcapítulo trará conceitos de interdisciplinaridade a partir de trabalhos de autores que vêm se dedicando a discutir a questão, de forma a problematizar a inconsistência no uso de termos como inter, multi, pluri e transdisciplinaridade.

1.2 Barreiras disciplinares

Esse subcapítulo discutirá a questão das barreiras disciplinares e a posição de autores que advogam a manutenção ou a flexibilização das mesmas.

Capítulo 2

2 DESIGN, UNIVERSIDADE E PÓS-GRADUAÇÃO

Design como área de conhecimento e sua vocação interdisciplinar. A universidade e a fragmentação do conhecimento. A pós-graduação brasileira e sua feição interdisciplinar.

2.1 Design

Design como corpo de conhecimentos: definição do campo de estudo, pressupostos teóricos e metodológicos e campo de atuação. Determinação do campo de atuação do design, estudo de seu relacionamento com outras disciplinas.

2.2 Universidade

Apresenta a questão da fragmentação do conhecimento ao longo da história e na educação superior brasileira. Breve incursão na trajetória das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, dos Currículos Mínimos Profissionalizantes e das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais.

2.3 Pós-Graduação

Discute a feição da pós-graduação brasileira por meio de suas diretrizes básicas, tendo por ponto de partida os Planos Nacionais de Pós-Graduação, que oferecem uma visão da evolução da pós-graduação no Brasil, de seus objetivos e de suas diretrizes gerais.

No terceiro estágio de desdobramento do sumário, o estudante é solicitado a buscar um nome mais aderente ao conteúdo de cada um dos capítulos e subcapítulos. Ampliam também a descrição do conteúdo e apresentam os autores que serão utilizados como base para as discussões que serão empreendidas.

Capítulo 1

1 A QUESTÃO INTERDISCIPLINAR (primeiro título: CONTEÚDO SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE)

Breve introdução a esse capítulo, contemplando em linhas gerais seu conteúdo: conceitos de interdisciplinaridade, fragmentação do conhecimento, correntes opostas relacionadas a barreiras disciplinares e perspectiva de análise da problemática interdisciplinar.

1.1 Conceitos de interdisciplinaridade (o primeiro título foi mantido)

Esse subcapítulo apresenta conceitos de interdisciplinaridade, tendo como fio condutor as ideias centrais de congressos sobre o tema apresentadas por Bianchetti e Jantsch (1995). Será contemplada também a crítica desses dois autores às definições de Japiassu (1976) e Fazenda (1979, 1984, 1986). A terminologia defendida por Piaget (1972) terá destaque.

1.2 'Manutenção' ou 'Flexibilização'? (primeiro título: Barreiras disciplinares)

Esse subcapítulo parte da identificação de duas grandes correntes, tornando possível traçar uma espécie de linha divisória entre os autores estudados.

Defensores da manutenção de barreiras disciplinares, em que diferentes perspectivas associadas às diversas tradições disciplinares parecem realmente úteis e legítimas. Serão usados, como base, Frigotto (1995), Jantsch e Bianchetti (1995), Etges (1995) e Soares (1991), entre outros.

Defensores da flexibilização de barreiras disciplinares, em que esse movimento é um requisito indispensável ao trabalho de interação, de interpenetração de métodos e conteúdos entre disciplinas. Serão considerados, entre outros, Assumpção (1991), Ferreira (1991), Moura-Dias (1991), Japiassu (1976), Fazenda (1979), Reis (1991) e Freitas (1989).

1.3 Inter, multi, pluri ou transdisciplinaridade? (subcapítulo criado nessa etapa)

Adoção de perspectiva de análise da problemática interdisciplinar com vistas a discutir o tema central da pesquisa.

Antes de fechar este subcapítulo fazer uma ponte para o Capítulo 2.

Capítulo 2

2 A UNIVERSIDADE E O TRABALHO INTERDISCIPLINAR (primeiro título: DESIGN, UNIVERSIDADE E PÓS-GRADUAÇÃO)

Problematicar a fragmentação do conhecimento no seio da universidade e breve

incursão no sistema de ensino brasileiro com vistas a discutir o viés interdisciplinar. A pós-graduação brasileira e sua feição interdisciplinar.

2.1 Universidade e interdisciplinaridade (primeiro título: Universidade)

Apresentar a questão da fragmentação do conhecimento ao longo da história e na educação superior brasileira. Breve incursão na trajetória das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, dos Currículos Mínimos Profissionalizantes e das Diretrizes Curriculares Nacionais. Os autores que servirão de base à discussão são: Almeida Filho (2008), Sommerman (2006), Couto (2008), Maggie (1996), Santos Filho (1992), entre outros.

2.2 Pós-graduação e interdisciplinaridade (primeiro título: Pós-graduação)

Discutir a feição da pós-graduação brasileira a partir de suas diretrizes básicas, tendo por ponto de partida os Planos Nacionais de Pós-Graduação, que oferecem uma visão da evolução da pós-graduação no Brasil, de seus objetivos e de suas diretrizes gerais. Martins (1991), Schwartzman (1984), Castro (1991), Gusso (1986), Gazolla (1996), Ferraz (1971), Zucco (1996), entre outros.

Capítulo 3

3 DESIGN COMO CORPO DE CONHECIMENTO (novo capítulo, definido a partir da subdivisão do capítulo 2)

Definir o corpo de conhecimento do design: campo de estudo, pressupostos teóricos e metodológicos e área de atuação. Determinação do campo de atuação do design, estudo de seu relacionamento com outras disciplinas, com vistas a definir sua vocação interdisciplinar.

3.1 Design: arte, ciência ou tecnologia?

Apresentar o design como uma tecnologia, como corpo organizado de conhecimentos com status de interdisciplina tecnológica, trabalhando seu relacionamento com a estética (arte), a ciência e a metodologia.

Dentre os autores que balizarão a discussão nesse subcapítulo estão Moraes (1994), Kneller (1980), Pirró e Longo (1984), Laudan (1995), Freire Maia (1995), Moles (1971), Magalhães (1994), Bonsiepe (1978), Alessi (1992).

3.2 Natureza e vocação interdisciplinar do design

Serão enfocados condicionamentos que dificultam o entendimento da feição

interdisciplinar do campo do design. Com base em ideias de autores dessa área, será discutida a ampla rede de relacionamento que o design estabelece com pares próximos e pares distantes nos âmbitos do ensino e da pesquisa.

A interdisciplinaridade assentada na ideia de parceria, advogada por Fazenda, será apresentada como forma de compreender o design como uma área que tem vocação interdisciplinar. Serão contemplados autores como Rittel (1990), Jonas (1993), Buchanan (1992), Bomfim (1978), Gomes (1993), Alexander (1963), Reswick (1965), Soloviev (1963), Couto (1991), Bomfim (1994), Fazenda (1997), entre outros.

Antes de fechar este subcapítulo fazer uma ponte para o Capítulo 4.

A partir das descrições apresentadas e aumentando a complexidade do exercício, no quarto estágio o estudante vai ampliar a descrição do conteúdo de cada capítulo e subcapítulo, trazendo além dos nomes dos autores que fundamentarão as discussões, algumas citações que ofereçam a medida do que será trabalhado. Em pesquisas nas quais são realizados trabalhos de campo e técnicas tais como entrevista, questionário, estudo de caso, análise de conteúdo, entre outras, o desdobramento dos capítulos e subcapítulos deve fornecer uma visão das etapas, ações, instrumentos de análise etc.

Nos estágios subsequentes, em que seções terciária, quaternária e quinária do texto podem ser definidas, ampliamos a apresentação dos conteúdos dos capítulos e subcapítulos, seguindo o mesmo procedimento proposto acima para as seções primária, secundária e terciária, de forma a permitir que o sumário espelhe cada vez mais a pesquisa como um todo.

Frequentemente quando o aluno desenvolve com apuro esse exercício, começa a identificar a pertinência de realocar conteúdos, trocar a ordem de seções, unir seções que estavam separadas etc. Ou seja, a cada estágio que avança, ele vai adquirindo mais conhecimento e clareza sobre o conteúdo e a organização de seu trabalho. Um exemplo disso foi contemplado acima, com a subdivisão do capítulo 2, ao ser relatado o terceiro estágio de desdobramento do sumário.

Faz parte do repertório de alguns professores a imagem do sumário "flexível como uma vareta de bambu". Ao usar a imagem do bambu, ilustramos a imaginação dos alunos com o seguinte apelo: o sumário de um trabalho, em sua fase inicial de construção, pode ser comparado a uma vareta fina de bambu novo, que ao sabor

do vento se inclina para todos os lados, tocando o solo em variados locais, mas sempre seguro por suas raízes, que não o deixam voar sem rumo.

O sumário de uma pesquisa precisa inclinar-se para muitos lados, desenhar muitos percursos, experimentar variadas posições, mas sempre com a certeza de que ele tem raízes solidamente estatuídas a partir de um trabalho consistente de definição de suas bases, assentadas na escolha e delimitação cuidadosa do tema, objeto, problema, objetivos, hipóteses, caminho metodológico etc. O exercício de ampliação de sumário tem, na imagem da vareta de bambu, a sua lógica: flexibilidade para explorar e explorar para conhecer.

“Suba em cima da mesa”

Uma vez percorridos os estágios necessários à definição do sumário da dissertação ou tese, e iniciado o processo de investigação propriamente dito, outro exercício entra em cena. Ele tem por objetivo checar a estrutura do trabalho e a relação entre os capítulos tanto no tocante ao seu conteúdo como um todo, quanto em relação ao conteúdo interno de cada capítulo e subcapítulo.

Esse exercício trabalha em prol da ideia de que uma pesquisa é um todo harmônico, é uma conversa com início, meio e fim, que seu autor empreende com o leitor. Assim sendo, quanto melhor estruturado for seu enredo, mais produtiva será a conversa.

Em trabalhos desestruturados, em que um capítulo não dialoga com o outro, a ordem das informações é apresentada de forma inconsistente e o percurso percorrido não pode ser reconstruído pelo leitor, estão fadados a insucesso e frustração, porque provoca a sensação de que o investimento realizado não rendeu os frutos esperados.

Para adotar os procedimentos de checagem do enredo da pesquisa, é necessário ter em mente uma questão básica. É preciso atentar para o fato de que a palavra dissertação costuma ser usada tanto para designar o processo de investigação, quanto para indicar o relatório que deve ser apresentado pelo autor, informando o que foi feito no percurso da pesquisa. O mesmo se aplica para a palavra tese, *mutatis mutandis*: tese designa o processo de pesquisa e o relatório final.

Desse modo, toda atenção é necessária para a utilização correta do tempo verbal em cada um dos estágios em que o pesquisador se encontra.

- 1) Na etapa de proposta, o tempo verbal é futuro, pois o pesquisador anuncia o que objetiva realizar, onde espera chegar, que hipóteses pretende provar etc. Assim, nesse estágio ele diz que pesquisará, fundamentará, discutirá;
- 2) Durante o processo de pesquisa, quando da apresentação de relatórios intermediários, começam a conviver dois tempos verbais nos textos. O presente, por meio do qual o aluno apresenta as ações que está realizando: pesquisando, fundamentando e discutindo e o passado, referindo-se a ações já finalizadas nesse estágio;
- 3) Na etapa de elaboração do relatório final, o tempo verbal é passado, pois nesse estágio o pesquisador relata todo o processo vivido, as estratégias adotadas, os resultados alcançados etc. Nesse estágio ele diz que pesquisou, fundamentou, discutiu.

A ênfase no cuidado com os tempos verbais no desenvolvimento de uma pesquisa pode parecer mais um caso de obviedade. Contudo, a experiência tem mostrado que muitas vezes o estudante é surpreendido com inconsistências em seu trabalho exatamente porque não tem o correto entendimento de que, em seu processo de pesquisa, ele realizou atividades, construiu percursos, tomou decisões que ora se apresentaram como previsão, aposta, proposta; ora se apresentaram como processo, atividade em andamento; e em seguida, se apresentam como experiência vivida, percurso construído, ações empreendidas.

Ao possibilitar que o estudante vá construindo uma visão panorâmica de sua pesquisa, o exercício sistemático de checagem da coerência interna do trabalho nada mais é do que uma "parada no processo". Ele permite retirar do conjunto de informações levantadas e das decisões sobre metodologia já empreendidas, uma espécie de "raios X" do corpo da pesquisa, trazendo à luz inconsistências, furos, desagregações etc.

Costumamos convidar nossos orientandos a "subir em cima da mesa" para olhar com distanciamento o material que compõe sua pesquisa. Colocado metaforicamente no chão, o conteúdo do trabalho, disposto a partir do sumário que está sendo seguido, pode ser avaliado por outro ângulo a partir de nova perspectiva.

Esse exercício se inicia com a avaliação da consistência do que costumamos chamar de "coisas que se dizem antes", que são geralmente apresentadas

na introdução da pesquisa. Assim, delimitação do tema, definição de objeto, problema, hipóteses, objetivos e justificativa são revistos, discutidos, retrabalhados. São coisas que se dizem antes, isto é, na introdução do trabalho.

A aplicação do exercício ao conteúdo de cada capítulo em particular leva o estudante a aumentar sua familiaridade com as bases de sua pesquisa. Um tema mal recortado, mal delimitado, por exemplo, compromete todo o andamento da pesquisa, deixando o objeto de estudo ou desnecessariamente amplo ou pobre demais.

Ao possibilitar que o estudante vá construindo uma visão panorâmica de sua pesquisa, o exercício sistemático de checagem da coerência interna do conteúdo do trabalho nada mais é do que uma “parada no processo”.

O exercício de “subir em cima da mesa”, que está sendo aqui apresentado, aliado ao anterior, de ampliação de sumário, permite ao leitor (o orientador da dissertação, por exemplo) entender o pano de fundo da pesquisa, principalmente no tocante a teorias e autores e sua relação com o campo, quando for o caso.

Ao estabelecer um diálogo com autores e teorias, o estudante deve ter em perspectiva que suas escolhas precisam guardar relação direta com o tema, objeto, problema, hipótese, objetivos etc. e, quando for o caso, com a empiria, com os achados de campo. Assim sendo, a visão do todo é fundamental.

De quase nada adianta acumular informações e articular pensamentos de autores se o estudante não faz a devida ponte entre eles e o resto da pesquisa. Quando, por exemplo, “os dados começam a falar” em uma pesquisa, eles precisam conversar como todos os que estão na casa e não apenas com os habitantes que se encontram na sala de estar ou na cozinha! Autores e teorias tratados de forma desarticulada do resto da pesquisa reproduzem, no nível operacional, a fragmentação do conhecimento a que todos estamos submetidos já há algum tempo.

Na tabela abaixo, é possível perceber uma síntese das principais partes que compuseram um processo de investigação e que foi construída por Portugal (2009) a partir do exercício sistemático de checagem da coerência interna do conteúdo de sua pesquisa de doutorado.

TABELA 1
PROCESSO DE PESQUISA

Processo de Pesquisa				
1ª Etapa	2ª Etapa	3ª Etapa	4ª Etapa	5ª Etapa
Pesquisa documental Estudo de Caso	Pesquisa bibliográfica	Pesquisa bibliográfica	Conceituação da linha de pesquisa	Resultados
Documentação e análise do processo de projeto do jogo Multi-trilhas	Leitura e análise crítica de textos	Leitura e análise crítica de textos	Leitura e análise crítica de textos	Identificação de metodologia para o Design em Situações de Ensino-aprendizagem
Capítulo II	Capítulo III	Capítulo IV	Capítulo IV	Capítulo IV e Conclusão
Objetivo operacional	Objetivo operacional	Objetivo operacional	Objetivo geral	Objetivo operacional
Realizar registro sistemático e reflexão sobre a história da configuração do jogo Multi-trilhas	Fundamentar e discutir questões de Design à luz das novas tecnologias de informação e comunicação, abordando aspectos culturais, de linguagem, de imagem e de construção de significado	Apresentar pesquisas sobre Design/Educação, discutindo questões relacionadas ao ensino-aprendizagem, jogo e práticas pedagógicas visuais. Discutir, à luz de opiniões e reflexões de designers que atuam na área acadêmica a linha do Design em Situações de Ensino-aprendizagem	Fundamentar a linha de investigação do Design em Situações de Ensino-aprendizagem	Contribuir para o campo do Design e da Educação na criação de subsídios para o planejamento de materiais educativos e para a melhoria nos padrões da educação, tornando o aprendizado mais produtivo e interativo

Fonte: PORTUGAL, 2009, p. 26.

A clara visão do desenho da pesquisa coloca o estudante no comando das decisões, fornecendo a ele argumentos consistentes para defender suas escolhas.

À guisa de conclusão

Existe uma forma certa, definitiva, de realizar e relatar um processo de pesquisa? Não por certo, senão, seria um tédio!

Na verdade, o que existem são critérios que balizam modelos possíveis, convenientes, oportunos, além de dicas, como as que foram aqui apresentadas. O fundamental é que o estudante, ao final do processo de pesquisa, quando finalmente houver concluído sua dissertação ou tese, possa ter a certeza de que seu trabalho vai permitir que o leitor:

- Entenda o caminho que ele percorreu (opções metodológicas);
- Possa visualizar o pano de fundo da pesquisa que ele realizou (teorias e autores);
- Encontre os dados relevantes que marcaram a investigação (diálogo e análise de dados);
- Possa construir uma imagem do trabalho como um todo.

Vivenciar um processo de pesquisa é, sem dúvida, um trabalho desafiador. Mas, de que outra maneira é construída a rica trama de nossas vidas?

Em tempo

Dicas de última hora:

- Quebre a inércia - trabalhe com pastas físicas e virtuais;
- Para cada versão, um arquivo novo – não jogue fora versões antigas! Crie um sistema de identificação de cada uma das versões trabalhadas;
- “Ensaie” os capítulos de fundamentação teórica: que tal começar “casando” conteúdos de fichamentos?
- Elabore desde agora um primeiro modelo de sua dissertação ou tese – “não é que ela está tomando corpo?” Invista em seu conforto psicológico;
- Cuidado! Chegou a hora de ser compulsivo, de fazer religiosamente cópias de segurança digitais e impressas;
- Cuide dos dados bibliográficos - mantenha sempre aberto um arquivo contendo a bibliografia durante o tempo em que estiver trabalhando na pesquisa. Usou ou citou um autor, alimente o arquivo da referência bibliográfica.
- Organize os anexos - papéis somem!

Referências

BOHM, D. *Diálogo: comunicação e redes de convivência*. São Paulo: Palas Athenas, 2005.

BOOTH, W. C. *et al. A arte da pesquisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

COUTO, R. M. *Movimento interdisciplinar de designers brasileiros em busca de educação avançada*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1997.

COUTO, L. E. D.; MACEDO SOARES, D. *Três estratégias para turbinar a inteligência organizacional*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

BRUYNE, P. *et al. Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

CERVO, A. L. B.; ALCINO, P. *Metodologia científica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

GIL, A. C. *Como elaborar um projeto de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1990.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

PORTUGAL, C. *Design em situações de ensino-aprendizagem*. Um diálogo interdisciplinar. Tese (Doutorado em Design) - Faculdade de Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.